

# AL.EM MARCHA

**Alfama é Marcha**

para além da marcha

curadoria: Carlos Cabral Nunes



BAIRROS e ZONAS  
de Intervenção  
Prioritária de Lisboa



21 de Outubro a 16 de Dezembro, 2017  
**Perve Galeria | Núcleo Contemporâneo, Alfama**  
**Sociedade Boa União | Núcleo Histórico, Alfama**



Quadro de ardósia marcando a giz as datas em que Alfama foi vencedora das marchas de Lisboa. Escrito para motivar os marchantes no dia da competição em 12 de junho de 2017 no Centro Cultural Dr. Magalhães Lima. | *foto: Cabral Nunes*

## Prólogo expositivo

“Al.em Marcha”, com tradução possível para “Alfama em Marcha”, pretende sugerir uma reflexão que vai “Além da Marcha” e se prende com a necessidade de refletir sobre manifestações populares que tendem a desaparecer ou descaracterizar-se se a cultura contemporânea e os artistas, poetas, músicos, etc, não se apropriarem desses registos e os recontextualizarem à luz de conceitos actuais para desenvolverem formulações que possam interpelar as pessoas, o público, de forma surpreendente, renovando o interesse e o discurso dessas manifestações. Isto, a par com a descaracterização que está a ser operada no seio do próprio centro histórico, com a massificação do turismo a afastar a população local que é quem tem assegurado a continuidade destas manifestações. Por outro lado, também serve de reflexão sobre a forma como estas manifestações foram usadas e apropriadas

pelos poderes políticos, antes e depois do 25 de Abril e a forma como podem (devem?) autonomizar-se. Por fim e essa é uma ideia mais de fundo, a necessidade de preservação de uma memória e de um legado que possa ser dialogante com as novas práticas artísticas e se possa converter em várias formulações objectivas como: um acontecimento Bienal em torno desta manifestação da cultura popular complementada pela intervenção contemporânea de artistas que possibilitem uma continua reformulação e desafio; a criação de um espaço permanente museológico que vá albergando as diferentes criações e o legado destas manifestações; candidatar esta manifestação a património imaterial nacional e, eventualmente, internacional. Penso que com isto já poderá ter-se uma ideia do que a “Al.em Marcha” pretende ser e qual pode ser o papel de cada artista na sua construção.

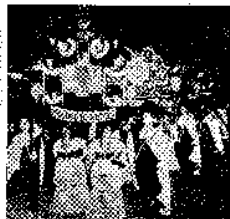
As marchas de Alfama primeiros prémios das «Festas da Cidade 1934-1935 e a infantil de S. Miguel, realizam hoje, pelas 22 horas, a volta ao seu bairro, percorrendo o seguinte itinerário: ruas Guilherme Braga, Vigário e Remedios, calçada do Museu de Artelharía, largo dos Caminhos de Ferro, rua Jardim do Tabaco Campo das Cebolas, rua dos Bacalhoeiros, rua da Madalena, Sé e rua S. João da Praça.

Diário de Lisboa

# AS MARCHAS POPULARES



As marchas populares de Lisboa e arredores, realizadas hoje, pelas 22 horas, percorrendo o seguinte itinerário: ruas Guilherme Braga, Vigário e Remedios, calçada do Museu de Artelharía, largo dos Caminhos de Ferro, rua Jardim do Tabaco Campo das Cebolas, rua dos Bacalhoeiros, rua da Madalena, Sé e rua S. João da Praça.



As marchas populares de Lisboa e arredores, realizadas hoje, pelas 22 horas, percorrendo o seguinte itinerário: ruas Guilherme Braga, Vigário e Remedios, calçada do Museu de Artelharía, largo dos Caminhos de Ferro, rua Jardim do Tabaco Campo das Cebolas, rua dos Bacalhoeiros, rua da Madalena, Sé e rua S. João da Praça.



As marchas populares de Lisboa e arredores, realizadas hoje, pelas 22 horas, percorrendo o seguinte itinerário: ruas Guilherme Braga, Vigário e Remedios, calçada do Museu de Artelharía, largo dos Caminhos de Ferro, rua Jardim do Tabaco Campo das Cebolas, rua dos Bacalhoeiros, rua da Madalena, Sé e rua S. João da Praça.



As marchas populares de Lisboa e arredores, realizadas hoje, pelas 22 horas, percorrendo o seguinte itinerário: ruas Guilherme Braga, Vigário e Remedios, calçada do Museu de Artelharía, largo dos Caminhos de Ferro, rua Jardim do Tabaco Campo das Cebolas, rua dos Bacalhoeiros, rua da Madalena, Sé e rua S. João da Praça.



As marchas populares de Lisboa e arredores, realizadas hoje, pelas 22 horas, percorrendo o seguinte itinerário: ruas Guilherme Braga, Vigário e Remedios, calçada do Museu de Artelharía, largo dos Caminhos de Ferro, rua Jardim do Tabaco Campo das Cebolas, rua dos Bacalhoeiros, rua da Madalena, Sé e rua S. João da Praça.



As marchas populares de Lisboa e arredores, realizadas hoje, pelas 22 horas, percorrendo o seguinte itinerário: ruas Guilherme Braga, Vigário e Remedios, calçada do Museu de Artelharía, largo dos Caminhos de Ferro, rua Jardim do Tabaco Campo das Cebolas, rua dos Bacalhoeiros, rua da Madalena, Sé e rua S. João da Praça.



Cartaz da Marcha Popular de Alfama 1989





Fernando José Francisco - Portugal (biombo em miniatura)  
Técnica mista s/ madeira, 60x35cm, circa 1950

## Al.em Marcha

No que diz respeito à organização do processo expositivo, ele está dividido em 3 partes: a primeira apresenta um histórico das Marchas Populares, tal como foram apresentadas/apropriadas nas fases sucessivas entre os anos de 1930 e a actualidade, com recurso a material de arquivo e documentação vária. A 2ª parte, é composta por uma recolha imagética/fotográfica da mais recente edição das Marchas em Lisboa, acompanhando o percurso da Marcha de Alfama que, curiosamente e bem a propósito, ganhou a competição este ano. As fotografias acompanham todo o processo de preparação dos marchantes e do desfile, na Avenida da Liberdade, até ao regresso a Alfama, tudo feito entre a tarde e noite de dia 12 de Junho, seguindo-se a captação dos momentos de consagração da Marcha, já vencedora, desfilando no seu bairro, para gáudio da população, no entardecer de dia 16 de Junho. A 3ª parte, é a que reúne a resultado artístico da reflexão que os vários autores convidados fizeram, a partir de Julho deste ano, sobre este fenómeno popular.

A presente exposição decorre de um convite feito pela APPA - Associação do Património e População de Alfama, para que o Colectivo Multimédia Perve, associação sem fins lucrativos que é responsável pela direcção artística da Perve Galeria, fizesse a organização de uma mostra

passível de integrar o conceito que foi objecto de apoio da Câmara Municipal de Lisboa ao abrigo do programa Bip-Zip e que teve a seguinte sinopse, realizada pelo atelier Mob, parceiro da APPA, neste projecto:

Participantes no desfile das Marchas Populares desde o 1º ano (1932), os moradores do Bairro de Alfama mobilizam-se, reúnem-se e participam colectivamente na realização da sua marcha. Durante os meses que antecedem Junho, vivem intensamente os Santos Populares e partilham esse momento com todos (e são tantos!) que os visitam. Durante o resto do ano, porém, Alfama atravessa um processo de descaracterização provocado pelo envelhecimento da população, a fuga dos jovens do bairro ou a sua permanência numa situação de desocupação e marginalização a par de um agressivo processo de turistificação onde a identidade local e popular tende a ser substituída pela reprodução de uma tradição para “turista ver”.

As marchas populares, a par do Fado e das suas características urbanas, são parte fundamental da identidade do bairro, contrariando o isolamento e a descaracterização a que os movimentos urbanos em torno do imobiliário e da hotelaria vão provocando.

Entendidas como processo e não apenas como um produto final, as Marchas consubstanciam um elemento aglutinador da comunidade, intergeracional, mas efêmero. A um curto período de grande actividade, segue-se o regresso ao quotidiano isolado, marcado pelas dificuldades económicas que a elevada taxa de desemprego acentua. No final do Verão, os moradores de Alfama desmobilizam, dispersam e desaparecem as suas músicas, os seus trajes, os seus arcos, parte do seu património, as suas memórias. Perde-se parte de um património que deve ser preservado e valorizado. Perde-se parte da sua identidade colectiva. O Projecto “Alfama é Marcha” visa promover o envolvimento da comunidade de Alfama na valorização do seu património cultural, material e imaterial, através da consolidação de um espólio significativo da realidade das Marchas Populares no bairro a devolver à população na forma de exposição e documentário. O envolvimento de toda a população do bairro na recolha de documentos testemunhos de antigos e actuais participantes sobre a Marcha de Alfama visa fortalecer os laços de pertença à comunidade - pelos que nela residem ou já residiram - com o objectivo de que esta tenha um papel mais activo na consolidação e preservação da sua cultura e simultaneamente se mantenha vivo o espírito da Marcha ao longo de todo o ano enquanto processo aglutinador e inclusivo com o objectivo de fortalecer a identidade do bairro a partir das suas práticas colectivas e populares.

A exposição que resultará deste processo contribuirá para a promoção e divulgação das Marchas de Alfama enquanto marca de uma identidade local, desde as suas origens até aos dias de hoje, mostrando a sua importância para a comunidade e para a história cultural do bairro, enquanto processo transgeracional que envolve toda a comunidade e abrindo espaço à reflexão sobre o futuro das Marchas Populares.

Carlos Cabral Nunes



Ai que linda Alfama  
Da marinagem,  
Velha equipagem  
das antigas naus,  
Página de ouro  
Da nossa História,  
Degraus de glória  
São os teus degraus  
Altars de sonhos  
De quem se preza  
Lâmpada acesa  
Pelas mãos da Fé,  
Lisboa é tua,  
E assim, doa a quem doa  
Minha Alfama, olha Lisboa  
Que bonita que ela é !



1º Lugar na competição de 1999  
Tema: Mar e Calçada Portuguesa

Organização: CCML | Fonte: As Minhas Marchas de Carlos Mendonça



1º Lugar na competição de 2000  
Tema: Ouro nas Varinas Portuguesa

Fonte: As Minhas Marchas de Carlos Mendonça



## Reconectando as artes à cultura popular

O ponto de partida para o desafio proposto foi, em primeiro lugar, com o João Ribeiro, de religarmos a arte e a manifestação popular que as Marchas corporizam. O João, na sua habitual forma de ser e estar, aceitou imediatamente o desafio e começou a sugerir nomes, práticas artísticas e a acrescentar ideias à ideia inicial, estimulando-me a prosseguir caminho, incentivando-me a mais amplamente sonhar este projecto.

De tal forma assim foi que, aqui chegados, me sinto na condição de co-curador, ficando ele meu parceiro na aventura de ir “além da marcha”, entrando pelos domínios sacrossantos da Arte feita dádiva e deslumbramento mas sempre com a base cantada, desfilada, dessa manifestação popular, das marchas que nos conectam com um passado já a todos os níveis distante, que urge reformular para se tornar futuro perene, manifestação outra daquilo que somos e queremos ser.

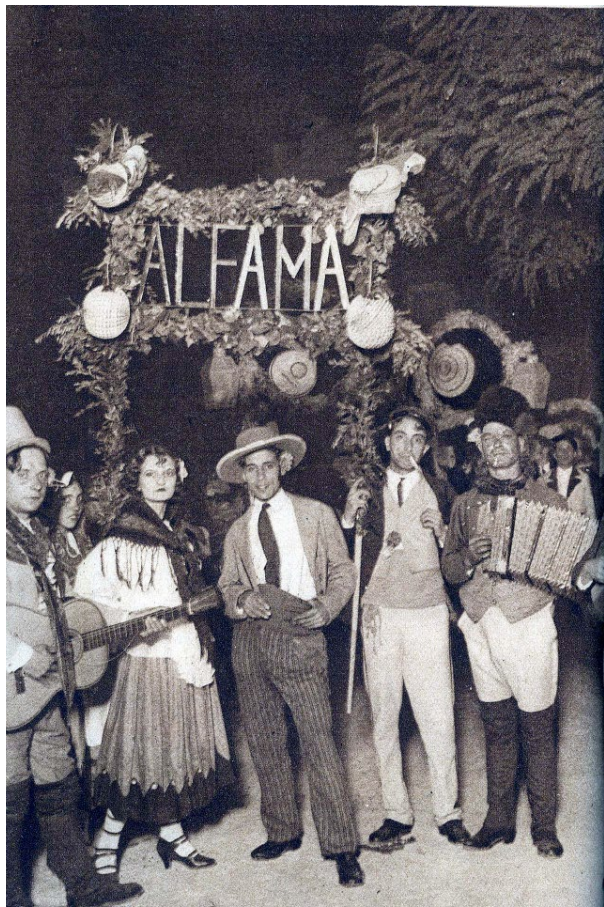
Há, no futuro, um insondável curso de rio, uma matéria afirmando-se nova, novamente. Só os vindouros saberão dizer da validade deste gesto aqui iniciado. Só a eles caberá saber se valeu a pena. A nós, aos deste tempo, restamos esta tentativa de dizer presente e de, nisso, reerguermos um lugar onde a arte seja aliada das gentes e da cultura popular, não sua inimiga ou opositora.

Esta exposição foi preparada segundo duas concepções agregadoras. A 1ª, patente na Sociedade Boa União, faz uma análise retrospectiva, tendo por base a pesquisa e recolha documental realizada pela APPA e pelo Atelier MOB, a par com a colecção da Casa da Liberdade - Mário Cesariny, para evidenciar um legado histórico e obras cuja temática se relaciona com a imagética que as Marchas proporcionaram. A 2ª, muito desafiadora, patente na Perve Galeria, é realizada a partir das próprias Marchas, tendo os artistas sido convocados a criarem obras originais que permitissem apontar caminhos futuros para essas ligações, entre a visualidade artística e a fenomenologia que as próprias Marchas serão passíveis de convocar e estimular.

Carlos Cabral Nunes



Cruzeiro Seixas  
Sem título  
Óleo s/ cartão, 32,5x23cm, 1962



2º Lugar na competição de 1932

Organização: Leais amigos | Fonte: Diário de Lisboa - 12 e 13 Junho (geral)



1º Lugar na competição de 1940

Organização: SBU (Sociedade Boa União) | Fonte: APPA



1º Lugar na competição de 2005  
Tema: Floristas e Marinheiros Portuguesa  
Organização: CCML; Fonte: As Minhas Marchas de Carlos Mendonça | Gazeta de Santo Estevão





2º Lugar na competição de 2003  
Tema: Alfama Rainha dos Arraiais Portuguesa,  
Fonte: As Minhas Marchas de Carlos Mendonça | Organização: CCML





**José Escada - Sem título (um cravo para a Liberdade - a Cesariny)**  
Técnica mista s/ papel, 30x30x10cm, 1974



3º Lugar na competição de 1950

Organização: SBU | Diário de Lisboa - 13 de Junho (geral)



2º Lugar na competição de 1952

Tema: "(...) marinheiros de galeotas reais, raparigas figurinos de capote e lenços (...)" DL  
Organização: SBU | Diário de Lisboa - 12 e 13 de Junho (geral)



2º Lugar na competição de 1947

Tema: "(...) marinheiros de galeotas reais, raparigas figurinos de capote e lenços (...)” DL

Organização: SBU | Fonte: Diário de Lisboa - 12 e 13 de Junho (geral)



1º Lugar na competição de 2006

Tema: Alfama, Arraial de Lisboa Portuguesa

Organização: CCML | Fonte: As Minhas Marchas de Carlos Mendonça | Revista Oficial de Alfama | Revista Oficial das Marchas Populares





Francisco Relógio - Flores e Pássaros, 1983  
Tapeçaria em ponto d'Arraiolos, 215x180cm



2º Lugar na competição de 1963

Organização: SBU | Diário de Lisboa - 13 de Junho (geral)



Pancho Guedes - Família vegetal, Têmpera s/papel 51X73cm, 1974



1º Lugar na competição de 2007  
Tema: Alfama e As Suas Gentes Portuguesa  
Organização: CCML | Fonte: As Minhas Marchas de Carlos Mendonça | Revista Oficial de Alfama





Manuel Figueira - O Bêbado, Guache s/ papel, 31x41cm, 1996



9º Lugar na competição de 1964

“Quem nunca viu Lisboa, não conhece, verdadeiramente, a alma desta cidade (...)” D L

Organização: SBU | Diário de Lisboa - 12 de Junho (geral)



Autor: Mistério



Arte popular, dimensões variáveis (entre 10 e 20 cm),  
n.d. / circa anos 1950 a 1980





2º Lugar na competição de 1970  
Séc. XIX Lasiradores da Brigada Real e Mulheres do Povo D L  
Organização: SBU | Diário de Lisboa - 12 e 13 de Junho (Geral/Alfama)



**Fernando Aguiar - Maremoto, Óleo s/ tela, 65x51 cm, 1973**





2º Lugar na competição de 2008  
 Tema: Alfama de Varinas e Marinheiros Portugueses,  
 Organização: CCML | Fonte: As Minhas Marchas de Carlos Mendonça | Gazeta de Santo Estevão



Manuel Figueira - 'Pesando o peixe (estudo para tapeçaria)  
Guache s/ papel, 24x22 cm, 1978



2º Lugar na competição de 2008  
Tema: Alfama de Varinas e Marinheiros Portuguesa  
Organização: CCML | Fonte: As Minhas Marchas de Carlos Mendonça | Gazeta de Santo Estevão



Sérgio Santimano - Sem título - Ilha de Moçambique  
Lambda (impressão digital), 60x40cm, n.d.





1º Lugar na competição de 1990

Alfama Mourisca e Marinheira

Organização: CCML | Fonte: As Minhas Marchas de Carlos Mendonça





João Ribeiro - Deusa Águeda de Jesus e Amigos, Téc. mista s/ tela, 80x60cm, 2015



2º Lugar na competição de 1991  
 Alfama Rainha dos Arraiais  
 Organização: CCML | Fonte: As Minhas Marchas de Carlos Mendonça



1º Lugar na competição de 1993  
 Alfama das Sardinheiras  
 Organização: CCML | Fonte: As Minhas Marchas de Carlos Mendonça





Regina Frank - Collection Moral & Tautologique, fotografias de performance realizada na Perve Galeria em 2016, dim. variáveis





1º Lugar na competição de 2010  
Tema: Alfama de Filigrana

Organização: CCML | Fonte: As Minhas Marchas de Carlos Mendonça | Revista Oficial das Marchas Populares | Revista Oficial de Alfama



Sónia Aniceto - Surveillance, Óleo s/ tela e bordado ponto livre, 110 x 98cm, 2014



1º Lugar na competição de 2013  
 Tema: Al-Hamma, Gentes de Trabalho  
 Organização: CCML | Fonte: Revista Oficial de Alfama



2º Lugar na competição de 2015  
 Tema: Ruas e Vias de Alfama  
 Organização: CCML; Fonte: Revista Oficial de Alfama





Luísa Queirós - Colá Boi, Acrílico e colagem s/ tela, 65x65 cm, 2004



21世紀へ はばたく関西  
**関西国際空港開港記念**  
**'93御堂筋パレード**  
**10月10日(日) 午前11時スタート**  
 会場 大阪・御堂筋(雨天決行)

**国際マーチング・民族芸能祭**  
**10月9日(土) 午後4時～7時**  
 大阪城ホール及び周辺  
 司会/浜村 淳・田淵あきら

**第1部 国際マーチングページェント**  
 (出演) オハイオ州立大学卒業生バンド(米国)  
 大阪府立淀川工業高等学校吹奏楽部(大阪)  
 京都/真女子高等学校吹奏楽部(京都)  
 トラム&ビュルコー(兵庫)  
 近畿大学吹奏楽部(大阪)  
 総合警備保障(株)女子儀仗隊(東京)

**第2部 世界の民族芸能ハイライト**  
 (出演) 西日本太鼓・大獅子(山口)/よさこい囃子踊り(高知)  
 那珂塩屋太鼓(長門)/節五郎どんまつり(鹿児島)  
 天神祭千鳥みこし(大阪)  
 全米バントムワリグチャンピオン(米国)  
 ローズウィーン(米国)/ミニアポリス水上舞Queen(米国)  
 ハワイアン・エンターテイメント(米国)  
 リスボン春・マルシア(ポルトガル)  
 レガツナ〜四人の祭り〜(フィリピン)  
 サンバチーム(ブラジル)  
 民族舞踊(シンガポール・マレーシア・インドネシア・マカオ) 他

**特別出演**  
 アイ・ジョージ/朝川ひさ子/和泉雅子  
 ファインメイツ・オーケストラ

**大阪城ホール周辺イベント**  
 ●東京/テーマパーク・私鉄めぐり(横浜)  
 ●大阪/陣幕まつり(和歌山)/くすままつり(石川)  
 ●熱気球体験飛行(12時から先着順・無料・気象条件により中止)  
 ●遊技体験実演

**入場無料** 但し、入場整理券が必要です。  
**入場整理券応募方法**  
 入場ご希望の方は、住所ハガキに、住所 氏名 電話番号  
 (大阪府民等を除く)1枚ずつお申し込みを郵送ください。  
 〒540 大阪市中央区天神橋4丁目1-1 キヤッセルホテル大阪  
 (朝)大阪21世紀協会「93御堂筋パレード」係  
 までお申し込みください。返信ハガキが4週間程度かかります。  
 先着5,000名にて抽選。必ず返信宛名をお記入ください。

**わくわく抽選プレゼント**  
 当日大阪城ホール会場にて、全入場券を対象に抽選  
 にて、抽籤各社より豪華な賞品のプレゼントされます。  
 ●JTワールド西日本賞 ベア1組  
 ●東芝賞 東芝テレビBサイズ25型内蔵型 各1名  
 ●アシックス賞 スキー板組 各3名  
 ●ホテル日航大阪賞 ターナー組 各2名  
 ●富士電器フィルム賞 カメラ 各5名

※抽籤結果の都合により、予定が変更される場合もあります。要領からご了承ください。

Panfleto Japão, 1993



Marcha de Alfama no Japão, 1993

# Imprensa



Expresso do Oriente,  
Grande Lisboa, n.º 135,  
Junho de 2017

## Alfama vence Marchas Populares

A Marcha de Alfama voltou a vencer o concurso das Marchas Populares de Lisboa, depois de já o ter conseguido o ano passado. O Bairro Alto alcançou o 2.º lugar e em 3.º ficou a Madragoa.

Foi mais uma vez uma noite grandiosa, a noite rainha das Festas de Lisboa: Centenas de milhares saíram à rua por toda a cidade e milhares foram os que se deslocaram à Avenida da Liberdade para ver passar a marcha do seu coração ou apenas para deitar um olhar curioso, mesmo sem ter o por nem uma.

As marchas em competição eram 20, como tem sido habitual, mais três extra-competição (a marcha infantil da Voz do Operário, a marcha dos Mercados e a da Santa Casa) e outras três convidadas (marchas representativas de Viseu, de Leiria e de Quarteira).

O jurado atribuiu 247 pontos à Marcha de Alfama, além dos prémios de melhor figurino e melhor musicalidade. No segundo lugar, o Bairro Alto arrecadou 237 pontos, além do prémio de melhor destile na Avenida. A fechar o pódio, a Madragoa totalizou 236 pontos e conseguiu a melhor coreografia.

Nas restantes categorias, a melhor coreografia foi para a Marcha de Carnide, a melhor letra para a Boca e a melhor composição original foi para a Bela Flor – Campolide, com “Prata ao anjo rock”.

Os 16 Casais de Santo António também desfilarão e foram muito acarinados pelo público: mesmo com a música a “bombar” nas colunas do recinto, eram audíveis os gritos “A noiva é linda!” vindos das bancadas!

Este ano, a 55.ª edição das Marchas Populares de Lisboa era subordinada aos temas do Oceano Atlântico como “Tratado de encontro” e “Tratado de Presença - Lisboa, capital ibero-americana de Cultura”.



MARTA CERQUEIRA  
16/06/2017 08:52

© João Gêlo

2354



Os moradores e comerciantes da zona histórica da capital vivem uma relação de amor-ódio com os turistas. Se por um lado há mais trabalho e mais

Os moradores e comerciantes da zona histórica da capital vivem uma relação de amor-ódio com os turistas. Se por um lado há mais trabalho e mais dinheiro a circular, por outro, faltam-lhes vizinhos portugueses, o sossego a que estavam habituados e espaço para os lisboetas viverem

Ainda faltam um par de horas para que o grupo se junte, mas Luana sai de casa já trajada para a marcha dessa noite. Para os vizinhos, ela é a Luana, a neta da Teresa que vende ginjinha na rua de São Miguel. Para os turistas que passam, ela é sinal de postal de férias perfeito. Não mentimos quando dizemos que são pelo menos trinta os franceses que a rodeiam entre flashes e aplausos. “Vá filha, tira só mais esta que o senhor ‘tá a pedir”, insiste Teresa, perante o revirar de olhos da neta.

Em vésperas de Santo António, não faltam momentos dignos de fotografia. Teresa quer que sejam aproveitados, até porque como moradora do bairro, acredita que não falta muito para que os turistas venham só fotografar as paredes das casas degradadas. “Qualquer dia já não há a dona Lita, a Carmina ou o dono do café ali da frente”, comenta, lembrando uma Alfama que sempre teve gente na rua, confusão e vozes a falar alto. “As pessoas vinham para a rua passar a ferro, descascar batatas, fazer renda”, conta. Agora só se houve falar inglês e o prédio onde nasceu – “foi mesmo, que a minha mãe nem teve tempo de ir à maternidade” – é mais um dos hostels que servem de albergue a quem vem de fora para viver uma Lisboa por dentro.

Nem de propósito, “Não toquem na minha Alfama” é o tema que o bairro, campeão do ano passado levou este ano a concurso na Avenida da Liberdade. “Não temos nada contra os turistas atenção”, avisa Maria do Carmo enquanto descansa junto à banca pronta para mais logo vender sardinhas assadas, “mas tem que haver um limite”. Com o coração – e a carteira – dividido, Maria sente falta de ver o bairro cheio de “pessoas das nossas” e tem pena que aos 48 anos não consiga ter os filhos como vizinhos. “Com T1 a 790 euros, quem é que consegue viver aqui?”. A pergunta é retórica e inevitável é o encolher de ombros assim que se fala naquilo que o turismo trouxe de bom. “A mim trouxe-me emprego”, garante. Atualmente, Maria do Carmo faz limpezas em 30 casas destinadas ao arrendamento turístico em Alfama e Castelo.

Edição Online do Jornal I  
16/06/2017





Reportagem do Jornal I, nº 2476, 6/07/2017

Este ano não vim mas no ano passado sim. Saía de Castelo Branco às 18h30, chegava às 21h15, assistia aos ensaios, ia para cima à meia noite, deitava-me às duas e meia e levantava-me às 7 menos um quarto. É uma loucura. Este ano não consegui, por razões físicas. Mas vim duas vezes por semana.

### E trabalhou dia 13?

Pus o dia 13, antevendo que podíamos ganhar (risos). Mas fui trabalhar no dia 14 e toda a gente manda mensagem, alguns com as bocas do costume, que isto está tudo comprado. Todos os anos os jurados mudam, não os conheço. Enquanto acharem que é por aí nós vamos continuar a ganhar. Há seis ou sete marchas que percebem porque é que ganhamos: são as que competem connosco.

### Mas qual é a explicação?

O rigor, a aposta na qualidade e encararmos isto com uma coisa séria. Se eu tenho 30 mil euros gasto-os na marcha, não os uso para fazer face a outras despesas da coletividade. Há marchas que oito dias antes de irem ao pavilhão não têm ainda os 50 marchantes completos. Se nós aqui desde o início dos ensaios temos cá 50 pessoas todos os dias, como é que uma marcha que não faz isso pode ousar pensar que o resultado é o mesmo?

Destaque da entrevista de João Ramos ao Jornal I, nº 2476, 6/07/2017



Aldo Alcota - Acrílico s/ cartão, 32x23,5 cm, 2017



## “Al.em Marcha”

A minha mãe adorava ver as marchas. O meu pai, por trabalhar no Diário Popular, foi, em algumas ocasiões, padrinho de casamento de noivos de Santo António. Eu, por ter nascido na freguesia de Santa Engrácia, de certo modo uni-me à minha mãe e ao meu pai, numa espécie de elo com Alfama. A minha relação com a Galeria Perve e o convite “de Carlos Cabral Nunes para participar no projecto “Al.em Marcha”, cimentam definitivamente esse elo. Mas que caminhos se misgenaram na minha Alfama?

Tenho desde há algum tempo a convicção de que vivemos num grande parque temático, composto de infinitos parques temáticos, como num jogo de espelhos de uma sala de provas de roupa.

Mary Ashton fala do conceito de parque temático e da ligação intrínseca que existe entre cultura e comércio, geradora de significações no domínio da relação representação/realidade, sendo aceite que aquilo que se frui, em modo de espectáculo, são signos ou representações. A mesma autora cita Soja, que refere que «parques temáticos são híbridos contemporâneos, equivalendo-se a modelos mutantes que servem como laboratórios civilizacionais que têm a sua arquitectura limitada à simbologia e à estética, possível apenas como uma experiência isolada e bem definida».

As marchas, tal como as compreendo, configuram este modelo de evocação e de reconstrução imagética contemporânea, pelo que a palavra nostalgia deixa de ser um substantivo piegas. Na contemporaneidade, nostalgia pode ser uma emoção que se experimenta num qualquer espectáculo em directo, confirmando as palavras de Baudrillard “quando o real já não é o que era, a nostalgia assume todo o seu sentido”. A identificação ou a indiferença assumem-se assim num monólogo inevitável com o mundo das imagens e por isso as relações que os seres humanos estabelecem com a imagética que geraram e à qual constantemente vão atribuindo nova significação, produzem um fenómeno de reconstrução epistemológica, a que alguns chamam Cultura Visual.

À luz das ideias que por estes dias me vão fazendo companhia, entendo debruçar-me sobre as marchas com dois trabalhos, ambos processando toda a representação simbólica no domínio da desconstrução/reconstrução, através de uma simulação do mundo real. De novo, Baudrillard, ao dizer que «simular é fingir ter o que não se tem e que toda a acção humana é simulacro», leva-me a pensar que toda a acção artística é simulacro e toda a arte, particularmente a do princípio deste século, se torna definitivamente num brevíário da (in) compreensão do mundo.

Assim, desta reflexão nasceram dois dispositivos, duas invocações de Tronos de Santo António, ou casas para Santo António, duas simulações de uma outra simulação. Um painel de nove pinturas em técnica mista sobre vários tecidos, com personagens inspiradas nas figuras de barro de Rosa Ramalho. Um outro, uma assemblage, numa colaboração com o pintor Vicente Santos, com o pintor Ricardo Coxixo e com a cineasta Diana Monteiro Leite em que foi revisitado o carácter de instalação que os tronos assumem, por exemplo, quando construídos pelas crianças como grandes mealheiros de “moedinhas para o Santo António”.

Para concluir, lembrando o espírito das palavras de Carlos Cabral Nunes, quando fala de caminhos futuros, refiro que o projecto “Al.em Marcha, ao celebrar a história, a carga simbólica e a imagética constantemente reescrita das marchas de Alfama, celebra-lhe o futuro. E no convite feito aos artistas contemporâneos para trazerem as suas reflexões as suas abordagens, estará decerto a contribuição para a reconstrução epistemológica de que falei.

Envidos, 27 de agosto de 2017  
João G. Ribeiro

### Bibliografia/Webgrafia

Jean Baudrillard, (1981), Simulacros e simulação, Lisboa: Relógio d'Água  
Mary Sandra G. Ashton, (1999) Revista Famecos, nº 11, Porto Alegre. Documento PDF, pp. 64-74. Acedido em 26 de Agosto de 2017, em: <http://bit.ly/2vTDn4j>

# Site Specific

Projecto de Arte Contemporânea

realizado em co-curadoria por:

Carlos Cabral Nunes e João Ribeiro



João Ribeiro - Trono, Políptico 210x210 cm, 2017



**Joana BC - Senhora**  
Tinta e acrílico s/ papel  
39,5 x 29,5 cm, 2014



**Joana BC - A Papisa dos Grandes Invisíveis**  
Tinta e acrílico s/ papel  
42 x 29,5 cm, 2014



**Joana BC - Dando de comer aos Grandes Invisíveis**  
Tinta e acrílico s/ papel  
42 x 29,5 cm, 2014

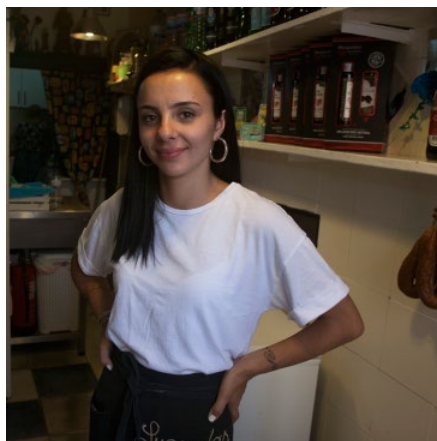
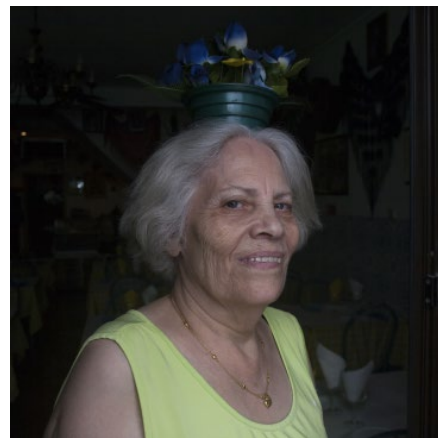
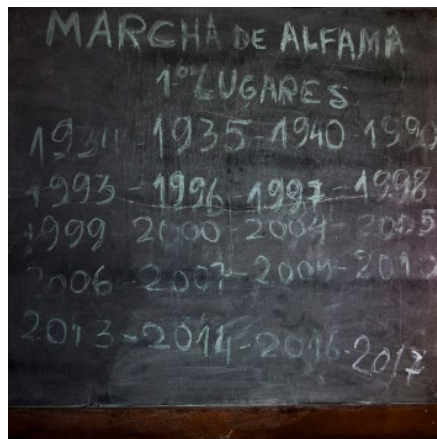


**Joana BC - O Ermita e a feiticeira criando novos invisíveis**  
Tinta e acrílico s/ papel  
29,5 x 42cm, 2014



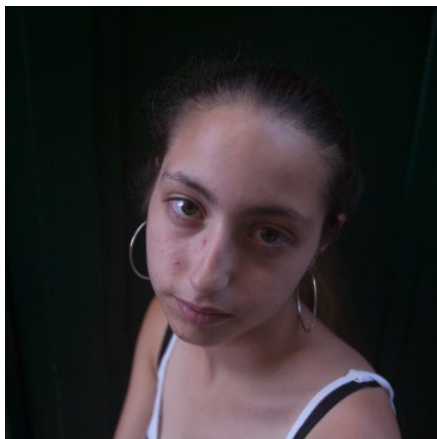
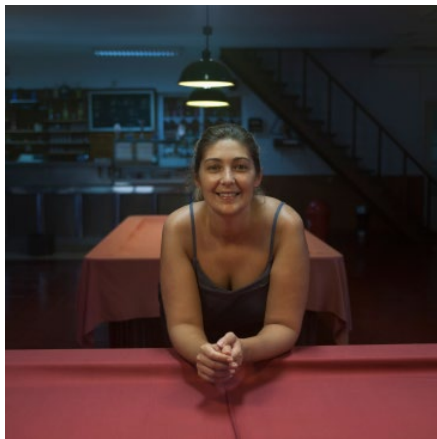
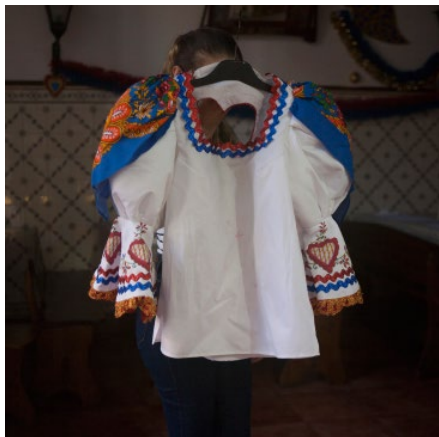
**Joana BC - Um Grande invisível segurando um  
objecto sagrado**  
Tinta e acrílico s/ papel  
42 x 29,5 cm, 2014





Céu Guarda - Mulheres em Marcha, 2017  
Ensaio Fotográfico





## uma carta

em forma de histórias, pequenas e grandes, pessoais e não só,

### para Alfama

*(...) Nunca saberemos o suficiente para sermos intolerantes.*

*(...) O que nos caracteriza e nos distingue uns dos outros  
deve ser considerado como elemento de enriquecimento mútuo  
- não como de separação, de indiferença ou de ignorância".*

Guilherme d'Oliveira Martins,

a propósito do livro "Linguagem e Silêncio

– Ensaios sobre literatura" (ed. Gradiva, 2014), de George Steiner;

in jornal "As Artes entre as Letras", 14.06.2017

Confesso, como já o fiz repetidamente no passado e de várias formas, a grande surpresa que tem sido, para mim, a vivência em Alfama desde que, sem nada o fazer prever, aqui cheguei para ficar, até hoje e mais além, suponho. Foi isto num dia específico cuja data é 15 de Março do ano 2000. Eu ainda não tinha 30 anos e de Alfama quase nada sabia nem nutria por ela qualquer espécie de interesse. Falo dela porque é assim que é por aqui tratada, no feminino.

Sabia de Alfama mais pela vivência alheia do que por experiência própria, já que aqui nunca tinha vindo antes desse mês de Março. O Artur Bual, de quem continuo a ter muitas saudades, havia morrido menos de um ano antes e, pela sua boca, soube que tinha vivido (e pintado) durante vários anos em Alfama, terra-bairro da família da sua mulher, carinhosamente tratada por Dona Gui (de Guilhermina). O Bual dizia-me, muitos anos antes e meio a brincar, que em Alfama as mulheres trazem uma faca na liga. Isso era também um aviso, para que eu não tivesse ensejo de catrapiscar alguma das suas sobrinhas mas o aviso ficou-me a

trabalhar o inconsciente. De maneira que isso e o meu caminho visual, estético e conceptual me afastaram, até essa altura, de Alfama e de todas as manifestações que, sinceramente, nada me interessavam, dado o meu labor em torno da pós-modernidade e das últimas conquistas no campo vasto da Arte, de onde o multimédia interactivo era o eixo central na minha pesquisa e desenvolvimento.

Calhei vir a Alfama porque um (extraordinário) coreógrafo e bailarino cabo-verdiano, Manu Preto, veio fazer uma residência de criação artística ao abrigo do extinto e saudoso festival "Danças na Cidade" e eu, tendo-o conhecido e integrado no 1º Encontro de Arte Global (Amadora, Dezembro de 1999), vim a este bairro (sem fronteiras definidas no mapa) buscá-lo para prepararmos um espectáculo de Arte Global que apresentámos em conjunto no também desaparecido espaço do Fala-Só, que era um local onde muita da modernidade alternativa se fez, ainda que durante um curtíssimo período, para os lados do Bairro Alto. Lisboa, aliás, está cheia deste locais falecidos onde, meteoricamente, se passaram algumas das manifestações mais fascinantes da arte underground da cidade, de que os jornais e os críticos actuais ainda nada ou pouco sabem mas que os vindouros trataram de resgatar para memória futura. Lembro, de passagem, um outro local de intenso movimento artístico que existiu, qual cometa, durante um tempo, o Cefalópede, que é hoje um condomínio privado onde habitam turistas, na encosta do Castelo, mas isto já é um desvio ao caso central desta narrativa, que urge terminar.

A minha história com Alfama começa, pois, nesse dia 15 de Março de 2000, pelo final da manhã, estando eu sentado num banco-de-jardim, que ainda lá está ao fundo das Escadinhas

dos Corvos. Dia magnífico, ensolarado depois das chuvas e do frio, aquecendo-me a alma. Tudo límpido, de uma clareza evidentemente reconfortante. Eu decidido a aproveitar o tempo, enquanto esperava que o amigo Manu chegasse, contemplando em volta e detendo-me numa portas pequenas e ruínas de mais um dos edifícios em pré-colapso que abundavam por aqui, nesse tempo. Ali, um papel escrito anunciando a venda ou aluguer do imóvel e eu, mais para distrair do que pela curiosidade, a ligar. Do outro lado, uma senhora distinta hoje envelhecida e a braços com a natural falta de saúde que a longa idade acarreta sempre, convidando-me a visitar o espaço. Eu a ir na conversa e a querer passar melhor o tempo. Toquei à campainha de quem tinha a chave. Era Dona Esmeralda, de avental permanente, mulher que aparentava ter muito mais idade do que na realidade tinha. O envelhecimento precoce por aqui, entre os locais, é uma espécie de herança fatal que persegue as sucessivas gerações de habitantes. Mostrou-me as lojas, avisando-me que estavam uma desgraça. Ainda hoje não acredito que não as tenha visto assim, sobretudo quando revejo as fotografias que fiz nessa visita inicial.

Mais tarde, nesse dia, quando trouxe aqui o meu sócio de toda a vida, Nuno Espinho, para que comprovasse o que eu havia descoberto, ele foi tomado pelo mesmo fenómeno. Não nos demos conta de onde estávamos adentrando. Esse processo dura até hoje. Esta descoberta de onde estamos e que é isto, este bairro fantasma que, sem sabermos, adoptámos como nosso e fomos por ele adoptados, num movimento natural de trepadeira amarrando-se às árvores em volta para ascender aos céus, com todos os conflitos que isso gera, as tensões porque todos precisamos de luz, clareza objectivada na vivência primordial. Confesso, pois, que as Marchas, o povo daqui, os lugares e

as coisas, são como pedras espalhadas pelo chão, todas se parecendo iguais a um olhar rápido, desatento. Que a percepção correcta disto só é possível, como na Arte (e para citar Nadir Afonso), através da auidade do olhar. Do tempo para que essa maturação da percepção se produza perene dentro de nós. Foi isto que me ocorreu, em muitos momentos, por aqui mas só ontem, após assistir à celebração da vitória da Marcha de Alfama, que acompanhei, fotografando o longo cortejo pelas vielas deste bairro secular, é que me dei conta do que faço aqui e da importância (capital) das suas manifestações populares, das suas gentes e da sua cultura.

Sendo certo que muitas ameaças pairam sobre tudo isto, do turismo de massas que empurra os aqui nados para fora, à arrogância de muita gente que se julga (como eu, em tempos) conhecedor e despreza isto, há uma que é, para mim, a maior de todas: a de que deixe de fazer sentido para os próprios estarem nisto. Daí que esta exposição tenha adquirido formas sucessivas, que as alterações ao nome e o sub-título foram procurando enquadrar mas que, no fundo, só aqui é possível declarar, para quem tiver conseguido resistir à tentação de desistir de me ler (como eu, de certa forma, o fiz em relação a Alfama): trata-se de uma declaração de Amor, finalmente, a um bairro onde não nasci e uma homenagem a uma cultura que, sendo popular e não me sendo natural, por via de um profundo respeito, construído degrau-a-degrau, me obrigo defender.

Nas páginas seguintes, procuro fazer um relato, também visual, do que vivi nestes dias com a (vencedora) Marcha de Alfama.

Carlos Cabral Nunes, 17 de Julho de 2017





Só depois repararei nas carências de uma vida dura desde que se faz nascimento.  
Só depois me lembrarei de que o sorriso é uma porta que se adentra para que possamos contemplar o que leva no seu âmagô.

*foto: José Chambel / texto: Cabral Nunes*

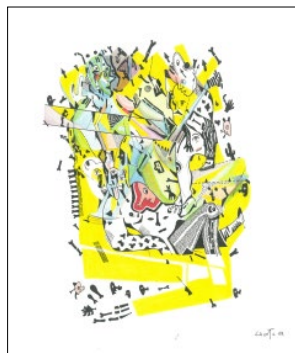


E eis que chegam, seres nada usuais, parafraseando Cesariny, alterando-o, “gente-gente, olhos, nariz, bocas, gente feliz”, gente possivelmente infeliz guardando tristezas para outras horas onde o recolhimento se faça desposar pelo inefável silêncio, neste tempo impossível.

*foto e texto: Cabral Nunes*



**Aldo Alcota**  
Técnica mista s/papel,  
26 x 21,7 cm, 2017



**Aldo Alcota**  
Técnica mista s/papel,  
26 x 21,7 cm, 2017



**Aldo Alcota**  
Técnica mista s/papel,  
26 x 21,7 cm, 2017



**Aldo Alcota**  
Técnica mista s/papel,  
26 x 21,7 cm, 2017



**Aldo Alcota**  
Técnica mista s/papel,  
26 x 21,7 cm, 2017



É um trabalho que vejo ser árduo, no suor respingando, no rubor encimando os corpos, não apenas de quem aparece engalanado, de quem se faz visível à força do deslumbre. É naqueles que se tornam invisíveis para que tudo brilhe, nos que fazem dos braços troncos, de onde se erguem estátuas que não são de sal, nem de glória vã.

*foto: José Chambel / texto: Cabral Nunes*





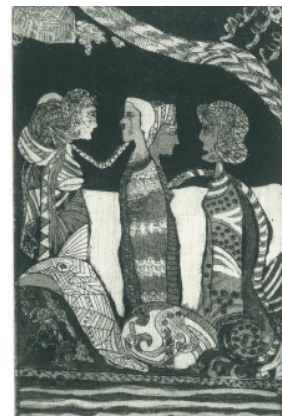
**Lília Manfro - Babel**  
 Água Forte e Água Tinta,  
 13 x 8,5 cm, 2011



**Lília Manfro - Exposição**  
 Água Forte e Água Tinta,  
 6 x 7,4 cm, 2011



**Lília Manfro - Fantasiados,**  
 Água Forte e Água Tinta,  
 10 x 15 cm, 2012



**Lília Manfro - Encontros**  
 Água Forte e Água Tinta,  
 13 x 8,5 cm, 2016



**Lília Manfro - Festa**  
 Água Forte, 8,3 x 6 cm, 2013



**Lília Manfro - Santo do Pau Oco**  
 Água Forte, 8 x 5,5 cm, 2013



**Lília Manfro - Casal Carnaval,**  
 Água Forte, 10,5 x 9,6 cm, 2015



**Lília Manfro - Fantasias**  
 Água Forte, 10,1 x 9,8 cm, 2016





Como dançar, permanecendo, captar, tecer um amanhã, sendo?

*foto: AUroRA / texto: Cabral Nunes*



Ricardo Coxixo - Onde em cada esquina há um bailarico  
Técnica mista, 200x200cm, 2017



Sónia Aniceto - Cartografia de uma Ponte, 2017  
Óleo s/ tela, bordado ponto livre, costura, tecidos diversos  
145x300 cm





Começo pelo beijo, pois que o Amor se consuma, antes que tudo, no espaço silencioso de um beijo. No caso, de Amor fraternal, lindo, belíssimo.

*foto: José Chambel / texto: Cabral Nunes*



É a devoção a este homem-Fernando, feito Antônio-Santo, que move montanhas, faz mexer os corpos e enrouquecer as gargantas ou foi a devoção deste que nos fez ser gente, desde o início?

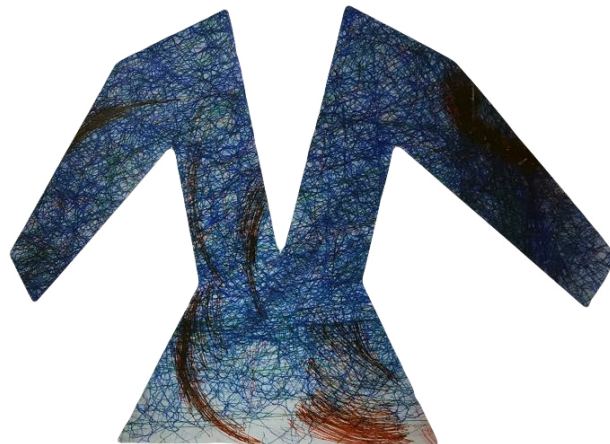
*foto: José Chambel / texto: Cabral Nunes*





Desapareceremos, sim. Desaparecemos ainda carne, sangue, artérias, músculo, dor intensa e sede permanente. Mas sim, desaparecemos enquanto viventes criaturas aladas. Estonteantes criaturas, estonteando, volteando mais uma vez antes da quebra do tempo e do esquecimento.

*foto e texto: Cabral Nunes*



Leonel Moura, projecto "Fatos para Marchas de Alfama", marcadores sobre tela, 152x123cm e 80x110cm, 2017



Resta-nos o imaginário, onde pululam peixes, rosáceas, seres enebriados ante a estúrdia e um eco d'infinito mesmo se já sombras desfazendo-se no dealbar do fim.

*foto: AUroRA / texto: Cabral Nunes*



O prazer inspirado dos sons transformando-se, cor e movimento, pela acção do sentimento puro de quem vê e quer fazer crescer um ramo de orquídeas onde antes era só deserto e silêncio desesperador.

*foto e texto: Cabral Nunes*



Queria de ti uma flôr resiliente, se ainda existissem jardins sagazes, frutos amarelecendo no interior de semente casta - verdade limpa dizendo o que vimos.

*foto e texto: Cabral Nunes*





Mimi Fossard - Toco solidó,  
Políptico - Acrílico sobre papel, dimensões variáveis, 2017





E há gente capaz disto, de um sorriso com destreza, de uma voz firme comandando, na subtileza dos gestos, do esgar que se fez, a um mesmo tempo, dádiva e devoção.

*foto e texto: Cabral Nunes*



A criança, fazendo-se adulto, por força da convicção num algo a dizer, fazer, sentir ou a simbiose dos contrários?

*foto e texto: Cabral Nunes*



Há, por detrás do muro que o sorriso e a fala erguem, uma profunda renúncia, uma entrega e um voto renovando-se de amor perene que resiste ao tempo e ao cansaço, restando a beleza em temporal anunciando-se.

*foto e texto: Cabral Nunes*



Joana BC - Entidade dos múltiplos olhos,  
Traje e oferenda, Técnica mista, 2017



Ana Maria - Jorge O Castelo e a Doce Laranjeira,  
acrílico s/ tela, 30x60 cm, 2017



Joana BC - Entidade das múltiplas mãos,  
Traje e oferenda, Técnica mista, 2017





O princípio da leveza, sem incertezas nem exitação. Os corpos retendo a dúvida, tudo expectativa e dádiva. Tudo se fazendo nervo e sangue pulsado nas veias, com os corações já transbordantes, saindo do peito, abrindo-se nas costas delas, fazendo-se união, bailado de almas que podem até ser metáfora de naufrágos mas recusam-lhe a condição.

*foto e texto: Cabral Nunes*



**Catarina Albuquerque - The Last Time I Died**  
Técnica mista s/ papel, 41x28,5 cm, 2013



**Catarina Albuquerque - Thankful**  
Técnica mista s/ papel, 41x28,5 cm, 2013





Voltamos ao início, onde celebração e conquista se fundem, dando azo à alegria reverencial dos amantes.

*foto e texto: Cabral Nunes*



“E todos me seguem, eu que sou o tempo e o vento, num murmúrio de madrugada anunciada.”

*foto: Graça Rodrigues / texto: Cabral Nunes*



**Catarina Albuquerque - Monotipia**  
Técnica mista s/ papel, 41x28,5 cm, 2013



**Catarina Albuquerque - Monotipia,**  
Técnica mista s/ papel, 90x60cm, 2013



**Catarina Albuquerque - Untitled**  
Técnica mista s/ papel, 41x28,5 cm, 2013



Nos adereços da Marcha, reparo no óbvio: Alfama e Amor partilham um mesmo início, seguindo caminhos que se afastam e retornam, sempre com um A, de “Ama, como a estrada começa”, de Cesariny.

*foto: José Chambel / texto: Cabral Nunes*



Renova-se um ciclo, que poderia ser interminável se sob a sua base não existissem rumores desfazendo a crença, qual térmita desconhecida num altar iluminado.

*foto: e texto Cabral Nunes*



**Manuel João Vieira - Sem Título**  
Óleo sobre tela, 90x70cm, 2017





No final, restaremos isto, sombras acinzentando-se no calor do tempo mas voz, sangue, lágrimas e riso ecoando no fulgor dos astros que somos e fomos tecendo, laboriozamente, com a dádiva dos corpos e o rumor dos gestos.

*fotos e texto: Cabral Nunes*



Carlos Zíngaro - Feira de (algumas) Vaidades  
Óleo s/ tela, 50x70cm, 2017



Catarina Albuquerque - White Heart  
140 x 106 cm , Neon s/ plexiglass, 2015



João Ribeiro, Diana Monteiro Leite, Vicente Santos e Ricardo Coxixo - Trono  
Dimensões variáveis, Assemblage madeiras tecido e vídeo, 2017





Imagens do filme “Ode à Marcha”, de Laura Moreno  
11 Min. | Cor | Digital, HD 1080p

“O filme debruça-se sobre o passado, presente e futuro da Marcha de Alfama pelo olhar dos seus representantes, numa reflexão acerca do papel da tradição na construção da identidade coletiva e a sua possível ameaça perante um cenário de mudança.”



AR LIVRE ARTES CINEMA CIÊNCIA CRIANÇAS DANÇA FEIRAS LITERATURA MÚSICA TEATRO

VISITAS GUARDAS

**AL. EM MARCHA**  
ARTES • EXPOSIÇÕES • COLETIVAS  
21 out a 16 dez/17  
Ter a sáb: 14h-20h

DESENHAR & PINTAR LX, FOTOGRAFIAR LX, CERÂMICA E PINTURA EM AZULEJO  
2017/2018  
ARTES • CURSOS • ENCONTROS

**TIME CAPSULE**  
A Revista Aspen, 1965-1971  
ARTES • EXPOSIÇÕES • OUTRAS  
14 out a 7 jan/19

LOURENÇO DE CASTRO  
Atas 2009/2017  
ARTES • EXPOSIÇÕES • PINTURA  
4 a 23 nov/17

COLEÇÃO DE SELOS CLÁSSICOS "D. LUIS I, PITA CURVA E PITA DIREITA, 1860 A 1864"  
ARTES • EXPOSIÇÕES • OUTRAS  
Até 31 de out/17

CIÊNCIA  
CINEMA  
CRIANÇAS

LOCAL

A exposição apresenta nos dois espaços de Alfama o património associado à marcha popular do bairro, um conjunto de fotografias da mais recente edição das Marchas de Lisboa e um trabalho artístico resultante da reflexão de vários artistas contemporâneos sobre este fenómeno popular, como Lenell Moura, Mimi Tavares, Manuel João Vieira ou Carlos Zizangar. Esta mostra pretende ser o ponto de partida para o desenvolvimento de um projeto museológico dedicado às Marchas Populares, manifestação da cultura popular balearista de Lisboa.

Curadoria de Carlos Cabral Nunes.

Nas artes plásticas, Lenell Moura, Manuel João Vieira, João Ribeiro, José Chamblé, Carlos Zizangar, Mimi Tavares, Sónia António, Ricardo Cordeiro, Catarina Albuquerque, Joana BC, Aldo Aleixo, Laura Moreno, Cito Guarda e Regina Frank, são apenas alguns dos nomes envolvidos.

Na área da música, ao longo da exposição serão lançadas quinquenalmente 3 músicas (marchas originais) cujos autores são Manuel João Vieira e Ena Pá 2000, Marta Miranda e Oquestrada, Manuel Paulo e João Monge (Ala dos Numerados).



Notícia sobre a exposição na Agenda Cultural de Lisboa.  
Ao lado frames do programa "As Horas Extraordinárias" da RTP





Imagens da inauguração da exposição “Al.em Marcha” na Perve Galeria | Núcleo Contemporâneo.  
Em cima à esquerda Nuno Espinho Silva, Tim e Carlos Cabral Nunes.





Imagens da performance organizada especialmente para a inauguração da exposição "Além Marcha"





Imagens da inauguração da exposição “Al.em Marcha” Sociedade Boa União | Núcleo Histórico

Alfama põe na marcha a defesa de um bairro em mudança “Não toquem na minha Alfama” é o tema que o bairro, campeão em 2016, leva este ano ao concurso da Avenida. É uma marcha pela tradição e pelas raízes, mas não é contra ninguém.

Passamos rente às bancas de manjericos, desviamos dos bancos corridos, bailamos um pouco para que o empregado com a travessa de sardinhas não nos espete os peixes na cara, subimos degraus, paramos para deixar passar turistas com malas de rodinhas, resistimos às insistências para beber ginjinha, cheiramos no ar para perceber se é chouriço ou entremeadado aquilo que nos chega, subimos mais um pouco, apreciamos a azáfama imensa, paramos.

Começou Junho, já não se pensa noutra coisa. Lisboa está engalanada para festejar o seu santo de eleição como mandam as regras e, nas vielas de Alfama, está quase tudo pronto. Aproveitam-se as últimas horas do primeiro dia do mês, uma quinta-feira, para receber condignamente a enchente que se espera na sexta. Montam-se os grelhadores, colocam-se as fontes de cerveja, penduram-se as fitas e as lanternas.

Também se trabalha com afinco no Centro Cultural Dr. Magalhães Lima, já a meio da encosta que trepa para o Castelo. É aqui que se ensaia a marcha de Alfama, vencedora do concurso de 2016 e que, este ano, vai para o Meo Arena e para a Avenida da Liberdade defender um bairro em profunda mudança. “Não toquem na minha Alfama” é o tema da marcha.

Nada de novo, atenção. Não toquem na minha Alfama, letra de Amadeu do Vale, música de Raul Ferrão, foi o tema que os marchantes levaram ao concurso de 1950 e que depois se imortalizou em vozes como a de Júlia Barroso. Novos e velhos, muitos alfamistas conhecem de cor estas palavras: “Oh minha Alfama/Que tens sido baluarte/Do velho Tejo/Que anda sempre a namorar-te/O meu balão/Choe de luz quando passa/Vai na marcha a dar a dar/ Parece até que o mar lhe deu aquela graça”.

Não foi um acaso a escolha deste tema, 67 anos depois de ele ter sido composto. Mandam as regras das marchas que cada bairro leve um tema antigo, a marcha de Lisboa e duas marchas originais. Sobre estas últimas nada podemos dizer, para já: Alfama apresenta-se a concurso este domingo no Meo Arena e, como em tanta coisa da vida, o segredo é a

alma do negócio. Também jurámos que nada diríamos sobre os fatos, os arcos e os passos que os marchantes vão apresentar. Mas do tema podemos falar, não é segredo nenhum. João Ramos, tesoureiro do Centro Cultural Dr. Magalhães Lima e um dos responsáveis pela marcha, explica a opção. “Alfama, em termos de tecido social, está a transformar-se completamente”, diz, a poucos minutos de começar o último ensaio. “Nós não podemos evitar isso e o que queremos é dizer: ‘Sejam bem-vindos, estamos cá para partilhar a nossa cultura, mas têm de ter noção de que nós já cá estamos.’”

Não foi um acaso a escolha deste tema, 67 anos depois de ele ter sido composto. Mandam as regras das marchas que cada bairro leve um tema antigo, a marcha de Lisboa e duas marchas originais. Sobre estas últimas nada podemos dizer, para já: Alfama apresenta-se a concurso este domingo no Meo Arena e, como em tanta coisa da vida, o segredo é a alma do negócio. Também jurámos que nada diríamos sobre os fatos, os arcos e os passos que os marchantes vão apresentar. Mas do tema podemos falar, não é segredo nenhum. João Ramos, tesoureiro do Centro Cultural Dr. Magalhães Lima e um dos responsáveis pela marcha, explica a opção. “Alfama, em termos de tecido social, está a transformar-se completamente”, diz, a poucos minutos de começar o último ensaio. “Nós não podemos evitar isso e o que queremos é dizer: ‘Sejam bem-vindos, estamos cá para partilhar a nossa cultura, mas têm de ter noção de que nós já cá estamos.’”

Não há aqui nada contra o turismo nem contra os turistas, diz Mário Rocha, vulgo Maritô, presidente da colectividade. Pelo contrário, o intuito é que haja harmonia. “Nós só não queremos é estragar as nossas raízes. Porque se acabamos com as raízes, não temos mais nada.”

“Se o que fazes por Alfama é ter nascido aqui, então fazes muito pouco”. Nove e tal da primeira noite de Junho, na rua um calor que não pede manga comprida. Os marchantes vão entrando para o grande salão do centro cultural, a banda entretém-se a tocar. Despacio, a música latina que não deverá passar de moda antes do fim do Verão.

Este é o primeiro ano em que a marcha não conta com a mestria de Carlos Mendonça, o famoso “Mourinho das Marchas”, que em 20 anos conseguiu trazer o caneco 13 vezes para Alfama. Mendonça trocou este bairro pelo Alto do Pina em 2010 e no seu lugar ficou a ensaiadora Vanessa Rocha, mas ele nunca se desligou completamente.

Tanto que, só este ano, depois da morte do coreógrafo em Setembro passado, é que os responsáveis do centro cultural pensaram em recuperar. Não toquem na minha Alfama. Carlos Mendonça “odiava esta marcha”, segundo João Ramos. “Quando acontece qualquer coisa nos ensaios, um percalço qualquer, brincamos ‘lá está ele’”, ri-se o tesoureiro.

Parece que a escolha não podia ter sido mais adequada. “A maior parte das pessoas está revoltada com o que se anda aqui a passar”, comenta Dália Ferreira, uma moradora do bairro que canta a marcha a plenos pulmões e veio dar uma espreitadela ao último ensaio. “O turismo aqui no bairro... Parece-me que é daí que vem a escolha, mas não tenho a certeza.” Sim, é daí, mas sem conflitos, sublinham João e Maritô. “Há coisas essenciais do bairro – as marchas, os arraiais, as sardinhas assadas – em que não podem tocar. Queremos que haja uma boa simbiose entre todos”, diz João Ramos. E, acrescenta, a mensagem da marcha vai direitinha para os próprios lisboetas e alfamistas. É um incentivo à acção. “Os portugueses têm memória muito curta. Quando chegamos cá, já cá estavam outros. Ninguém é daqui, propriamente dito. Se o que fazes por Alfama é ter nascido aqui, então fazes muito pouco”, sentencia.

Nisto aparece um casal de holandeses. Ouviram a música lá fora e perguntaram se podiam vir ver. Estão, obviamente, “delighted”, porque “it doesn’t get more typical than this”. Acabaram de aterrar de Amesterdão e logo lhes calhou em sorte uma experiência destas. Não fazem ideia do que cantam os marchantes, mas acham muito bem que queiram defender as tradições do bairro. “Afinal, é por isso que nós cá vimos.”

Este domingo começa a chegar ao fim um percurso com muitos meses para todos os outros bairros onde as marchas são o epicentro da vida comunitária. Alfama está na corrida para vencer, mas acima de tudo quer ganhar a batalha pela tradição. “Que ganhe a melhor. Que Deus seja justo”, vaticina Dália.



Sede da Sociedade Boa União.





Porta da Sede da Sociedade Boa União.

## FICHA TÉCNICA

### PROMOTOR – APPA

Associação do Património e População de Alfama

### PARCEIROS

Sociedade Boa União  
Trabalhar com os 99%, Crl.  
Left Hand Rotation  
Perve Galeria

### PARTICIPARAM NA PREPARAÇÃO

#### DESTA EXPOSIÇÃO

APPA - Associação do Património e População de Alfama  
Lurdes Pinheiro, Cláudia Moura

### SOCIEDADE BOA UNIÃO

Vânia Simões, Vasco Simões.

### TRABALHAR COM OS 99%

Paula Miranda, Tiago Mota Saraiva, Andreia Salavessa,  
Marta Vieira, Inês Sebastian, Raquel Coronel, Carolina  
Battle y Font, Mariana Robalo, Cristina Romão, Diana  
Amaral, Ana Rita Nunes, Adriana Gil, Mário Freire,  
Manuel Costa

### PERVE GALERIA

Carlos Cabral Nunes, Nuno Espinho da Silva, Graça  
Rodrigues, Nelson Chantre, Susana Soares Batista

### MORADORES DE ALFAMA

Andreia Camacho, Bruna Oliveira, Jaques Dubois, José  
Gomes, Ruben

### DOCUMENTÁRIO

Left Hand Rotation

## APOIO

BIP/ZIP – Bairros e Zonas de Intervenção  
Comunitária – Câmara Municipal de Lisboa

## OUTROS APOIOS E PARCERIAS

Academia Recreativa Leais Amigos  
Lusitano Clube  
Museu do Traje  
Museu do Fado  
A Voz do Operário  
El Corte Inglés  
Atelier São Vicente

## AGRADECIMENTOS

a todos os alfamenses que tão bem acolheram  
este projecto e em particular àqueles que  
tornaram possível esta exposição.

## TRAJES CEDIDOS POR

Carolina Guimarães, Aníbal, Marco Porfirio,  
Etelvina Pereira, Fernanda, Jorge, Bela.

## ARTISTAS PARTICIPANTES - Núcleo patente na Perve Galeria

Ana Maria, Aldo Alcota, AUroRA, Cabral Nunes,  
Carlos Zingaro, Catarina Albuquerque, Céu  
Guarda, Joana BC, João Ribeiro, José Chambel,  
Leonel Moura, Lília Manfroí, Laura Moreno,  
Manuel João Vieira, Mimi Fossard, Regina Frank,  
Ricardo Coxixo e Sónia Aniceto.

## OBRAS INCLUÍDAS - NÚCLEO HISTÓRICO

Patente na Sociedade Boa União  
Cruzeiro Seixas, Ernesto Shikhani, Fernando  
José Francisco, Fernando Aguiar, Francisco  
Relógio, José Escada, João Ribeiro, Luísa Queirós,  
Manuel Figueira, Mistério, Pancho Guedes, Sérgio  
Santimano, Sónia Aniceto



Marcha de 47, Autor desconhecido  
Pintura s/ papel



foto: José Chambel | Preparativos dos marchantes antes do desfile na Avª da Liberdade, 12 Junho, 2017

## Perve Galeria

Rua das Escolas Gerais 17/19  
Alfama, 1100-218 Lisboa



[www.pervegaleria.eu](http://www.pervegaleria.eu)

[galeria@pervegaleria.eu](mailto:galeria@pervegaleria.eu)

Horário: 3ª a sábado das 14h às 20h

tel. 218822607/8 - tm. 912521450



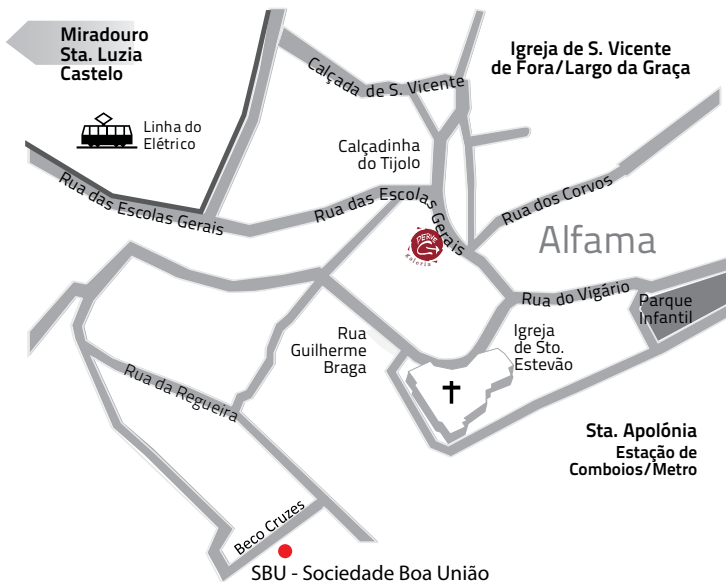
Iniciativa integrada no  
3.º Encontro  
de Arte  
Global

Transportes: Metro Stª Apolónia [Linha Azul]; Eléctrico 28

Estacionamento: Lgª Igreja S. Vicente de Fora; Lgª Feira da Ladra  
[excepto 3ª Pª e sábado]

Sociedade Boa União

Beco Cruzes 9, 1100-120 Lisboa



Fotografias: Autores identificados

CT-63 | Novembro 2017 | Edição ©© Perve Global – Lda. Proibida a reprodução integral ou parcial deste catálogo, sem autorização expressa do editor.